

MEMÓRIAS BLINDADAS: PESQUISA ETNOGRÁFICA AO REDOR DA CIDADE DA CRIANÇA

Leonardo da Silva Barbosa¹

Resumo

Especialmente nas últimas décadas, tem-se visto, nas principais cidades brasileiras, uma maior valorização do patrimônio histórico, cultural, bem como equipamentos de lazer. Para além do potencial atrativo turístico destes objetos, com o uso e presença constante no cotidiano dos habitantes destes centros, tende-se a formar vínculos de afeto. O presente ensaio etnográfico, então, busca compreender como se dá a relação dos sujeitos próximos (moradores ou não) a um equipamento de lazer (e patrimônio histórico-cultural) importante do município de São Bernardo do Campo (SP): a Cidade da Criança. Por meio de entrevistas com moradores e trabalhadores locais, percebem-se relações e vínculos distintos, dependendo do papel exercido no território.

Palavras-chave: Etnografia, Patrimônio histórico, São Bernardo do Campo.

Abstract

In the last decades, it has been seen, in the main Brazilian cities, a greater appreciation of historical and cultural patrimony as well as leisure facilities. In addition to the touristic attraction potential of these objects, with the constant use and presence in the daily life it tends to form bonds of affection with the inhabitants of these centers. The present ethnographic essay, then, seeks to understand the relationship of an important leisure equipment (and historical and cultural patrimony as well) of São Bernardo do Campo (SP) with its closest neighbours (residents or not). Through interviews with local residents and workers, different relationships and links are perceived, depending on the role played in the territory.

Keywords: Ethnography, Historical patrimony, São Bernardo do Campo.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: leosbarbosas@gmail.com

Introdução

A sociedade brasileira como um todo tem, ao longo das últimas décadas, principalmente a partir da redemocratização, buscado exercer seu direito à cidade e à memória. Neste sentido, nota-se grande relevância no processo de criação de organizações e conselhos para a identificação e preservação de patrimônio histórico e cultural nos municípios. No município de São Bernardo do Campo, dada a sua trajetória histórica e sua centralidade no processo de industrialização brasileiro, a questão da preservação do patrimônio industrial também é de profunda importância.

Há diversos bens tombados no município relacionados direta ou indiretamente à industrialização. No que diz respeito aos relacionados indiretamente, destacam-se a2 Companhia Vera Cruz e a Cidade da Criança, mais ligados à indústria cinematográfica e televisiva das décadas de 1950 e 1960, localizados inclusive muito próximos um do outro (PAIVA, 2012).

Especificamente tratando da Cidade da Criança, a mesma se originou como cenário da novela *Redenção* (1966-1968) e posteriormente foi transformada em parque de diversões, tornando-se um ponto de referência local e atraindo, em seu período áureo, visitantes de localidades mais distantes, como o interior paulista. Cabe ainda apontar que em 2005 o parque foi fechado para reformas dada a situação de degradação, precariedade e falta de manutenção de seus equipamentos, sendo reaberto anos depois.

O local carrega um valor histórico, relativo ao cenário da novela, mas também um grande valor afetivo para a comunidade local. Objetos ou espaços como este não trazem em si mesmos somente, um valor intrínseco, mas, sobretudo, na relação destes objetos com a sociedade que eles se firmam na memória coletiva que ganham peso e importância social e cultural.

Hipótese

Tratando de um espaço, ou também objeto, de valor histórico-cultural local e de referência no município, minha grande pergunta a ser respondida e que orientou este ensaio é qual a relação da Cidade da Criança com as pessoas do entorno, i.e. se existe algum vínculo afetivo para com este patrimônio. Um aprofundamento desta pergunta também me ocorreu, sendo este colocado nas perguntas das entrevistas no que diz respeito a se algo mudou nessa relação após as recentes reformas. Da pergunta principal anteriormente exposta, então surgiu a hipótese que é: a constância da presença seja morando ou trabalhando fortalece os vínculos afetivos e traz uma relação muito mais próxima para com a Cidade da Criança.

Antes de prosseguir ao desenvolvimento da pesquisa, cabe considerar como elemento de suma importância e que auxilia na fundamentação da hipótese, o fato do patrimônio em questão atravessar décadas e por consequência, absorver variadas sociabilidades e relações com o espaço oriunda das variadas temporalidades que lidam com o mesmo (ZAMBONI, 2007).

Caminhadas no entorno da Cidade da Criança

O campo escolhido diz respeito não apenas à Cidade da Criança, mas também a seu entorno. O parque se situa no bairro Jardim do Mar no município de São Bernardo do Campo e é circundado pelas ruas Kara, Aral, Tasman, Mediterrâneo, José Meza Mendonça, Jônio. Além disso, o mesmo faz contato com alamedas sem saída cujo fim é o encontro com o parque: da Justiça e Nove de Outubro (na qual se situa um portão de acesso).

A proximidade e relativa familiaridade com o território em questão mostraram-se como parte das motivações para a determinação da pergunta e campo de pesquisa. Contudo, logo nas primeiras visitas a campo, bem como ao longo do desenrolar desta pesquisa, tornou-se cada vez mais evidente relativa distância e necessidade de um estudo mais aprofundado das relações ali imbricadas, das percepções sobre o espaço individuais e coletivas, a relação consigo e com o próprio bairro, entre outras, as quais não necessariamente obtive respostas.

As primeiras visitas se concentraram na Rua Tasman, na qual se situa o portão de entrada e, conseqüentemente, o endereço do parque. Há de se notar que essa via local apresenta baixo movimento de veículos e pessoas e é bastante arborizada, seguindo o mesmo padrão observado nas demais vias locais. Essa mesma rua se conecta com a Rua Java e esta com a Avenida Lucas Nogueira Garcez, de maior hierarquia viária e conseqüente maior fluxo de veículos e pessoas. Essas duas ruas primeiramente apontadas (Java e Tasman) formam um contínuo até a Avenida Senador Vergueiro (outra avenida principal de maior fluxo) com aproximadamente 1km de extensão.

No trecho da Rua Tasman que faz frente à entrada da Cidade da Criança procurei identificar e estabelecer pólos de cheios e vazios com base na circulação de pessoas. Ao longo de tal trecho, que faz uma diagonal de Noroeste a Sudeste, forma-se uma cruz, cujas extremidades Norte e Sul são compostas respectivamente pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e a Escola Estadual Wallace Cockrane Simonsen. Ambos formam centros concentradores de pessoas sendo receptores e dispersores em determinados horários (de saída e entrada de aulas).

Durante tais horários, o fluxo tanto de pessoas como de veículos se intensifica, sendo perceptível, também, a permanência momentânea de outros sujeitos não necessariamente formalmente vinculados a estas instituições, como é o caso de alunos e professores, por exemplo, além de motoristas de transporte escolar e veículos de comércio de bebidas e lanches.

No ponto Leste se situa um grande estacionamento aos fundos dos estúdios Vera Cruz, utilizado, também, pela Faculdade de Direito. Portanto, este ponto em específico apesar de concentrar veículos, mostra-se, sob o ponto de vista de concentração ou dispersão de pessoas, quase como um vazio, não se estabelecendo ali muitos encontros a não ser nos movimentos de entrada e saída com o funcionário responsável pela cancela.

Finalmente, no ponto Oeste, se encontra a Cidade da Criança. De segunda a quarta feira, a mesma mostra-se também quase como um vazio, com baixíssimo fluxo de pessoas, restritas aos funcionários do local, que exercem, sobretudo, limpeza e manutenção do mesmo. Nos demais dias da semana nos quais o parque funciona, o fluxo se torna mais intenso.

Para além destes quatro pontos destacados, cabe notar que o perímetro do parque (e o bairro como um todo) apresenta uso misto, com alguns poucos estabelecimentos de comércio e serviços, e predominantemente residências unifamiliares de padrão construtivo de renda mais elevada. As residências ainda apresentam, em sua grande maioria, portões completamente fechados que impedem o contato com a rua, interfones e todo o tipo de barreiras de segurança. Neste entorno, também se encontram diversas guaritas de vigias de bairro.

É perceptível o vazio das ruas, exceto para carros estacionados, bem como a escuridão e sensação de isolamento proporcionados pela elevada altura das árvores e grades ao redor do parque. Tal característica, juntamente com as residências de alto padrão altamente blindadas e com dispositivos de segurança variados e o baixíssimo fluxo das ruas ajudam a aumentar a sensação de insegurança dos transeuntes.

Ainda, dentre os estabelecimentos comerciais observados, destacam-se um número bastante restrito de restaurantes e uma empresa de segurança privada que atua na região.

Os sujeitos de pesquisa inicialmente selecionados foram os moradores das imediações, de modo que o contato contínuo e a familiaridade com espaço vizinho seriam investigados trazendo a memória e o vínculo afetivo como questões fundamentais para criar uma imagem dessa relação parque-entorno ou território-sujeito. Contudo, minha relação com estes sujeitos não se deu de forma fortuita, de modo que em todas as visitas feitas a campo houve rápidas recusas de

entrevista por parte dos moradores, seja oralmente ou pela ausência de resposta às chamadas das campanhas. Tais recusas mostraram-se levemente agressivas ou desinteressadas.

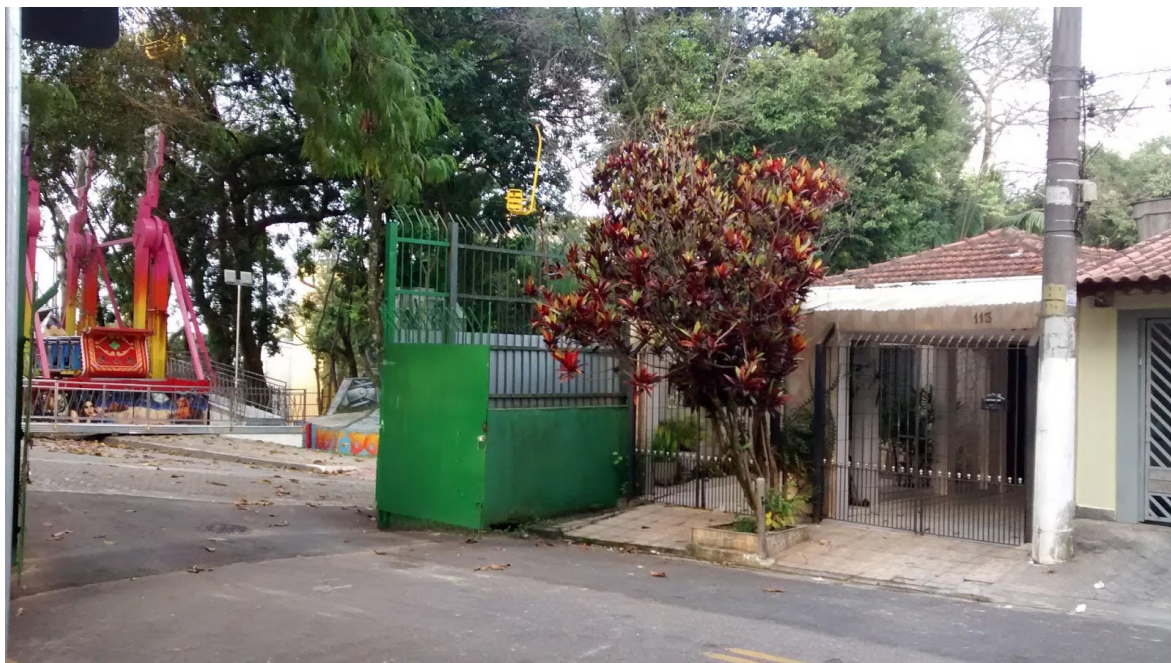
O fato dessas recusas imediatas de contato juntamente com o caráter agressivo de algumas delas de pronto me impactaram de modo negativo. Após mais algumas várias tentativas em diferentes endereços, me pus a circular o perímetro da Cidade da Criança, percebendo de forma mais atenta as particularidades deste entorno.

Diante do fato das visitas serem estabelecidas também em dias em que o parque não se encontrava em funcionamento, minha estratégia foi identificar outros sujeitos de relação próxima ao parque para ampliar os sujeitos de pesquisa. Assim, não apenas procurei investigar aqueles que moram nas proximidades do parque, como também aqueles que trabalham nas proximidades do parque.

Assim, entrevistas foram estabelecidas com funcionários de estabelecimentos locais, comerciantes de rua e vigias de carros (estes últimos de vínculo formal de emprego com a Faculdade de Direito). As entrevistas foram feitas de modo informal como conversas, apesar da presença de pontos chave que direcionaram as mesmas. Estes pontos chave buscaram responder questionamentos como o tempo da relação com o local, como se dá essa relação, se é um mero elemento dado da paisagem ou possui um vínculo afetivo e emocional com o mesmo, se possuía alguma história ou memória marcante com o parque, onde vive, se o recente período de reforma o impactou de algum modo, entre outros.

Tais entrevistas, com trabalhadores de convívio próximo à Cidade da Criança, se deram de modo bastante fluido e minha interação com eles foi muito fácil de ser estabelecida.

Portão da Cidade da Criança na Alameda Nove de Outubro



Fonte: Do autor

No que diz respeito especialmente aos vigias de carro, que se sentavam em cadeiras de plástico na calçada, a relação foi ainda mais fácil, dado o fato deles mesmo procurarem estabelecer contato comigo, estranhando o caderno de anotações e a circulação excessiva por aquelas ruas. Ademais, os mesmos demonstraram fácil interação e aparente contato constante com as pessoas que estacionavam seus carros ali, pois já aparentavam ser conhecidos. Descrevo a seguir um breve relato da experiência e relação de um dos vigias com a Rua Tasman:

“Essa rua parece tranquila, mas não dá para bobear. Outro dia, não faz muito tempo, passou um cara bem vestido, terno e gravata, você não diria que é ladrão. Vi ele de olho nos carros lá para baixo. Dalí a pouco ele passa e leva minhas coisas da sacola ali.”

Perguntei se ele já presenciou algum assalto a mão armada naquela rua.

“Opa! Aqui já até apontaram um revólver na minha cabeça.”

Ademais, tecendo perguntas acerca de como o mesmo entrevistado enxerga e se relaciona com o parque cuja grade está literalmente encostada em suas costas, o mesmo desviou do assunto. Enfocando sua atividade profissional muito provavelmente de caráter central e determinante de suas relações ofuscando o contato e interação com o referido parque a suas costas, não somente literalmente mas como entidade oculta ofuscada pela névoa da função material ali colocada. O olhar atento aos potenciais riscos aos bens alheios não captura o elemento da paisagem cotidiana presente há vinte anos em seu dia-a-dia. A naturalização do

objeto de lazer ao seu lado não é sequer notada. Tal percepção como fato dado e quase invisível, naturalizado e acostumado pelos olhos do vigia também traz relação com sua faixa etária, mais avançada, que não é o perfil etário de maior aderência às atividades proporcionadas no parque.

Momentos antes da entrevista, dado o fato do mesmo vigia estar conversando com um motorista que estacionou o carro há pouco tempo, se dirigindo à Faculdade de Direito, parei alguns passos antes do mesmo, ao lado de outro carro estacionado e me pus a fazer anotações em meu caderno. Instantes depois, uma viatura passou em velocidade reduzida me observando, percebendo o que indica ser uma atitude suspeita dada o quase nulo fluxo de pessoas na rua e uma suposta atitude estranha aos moradores locais de se pôr parado ante um carro estacionado. A circulação sem destino, o ato de vagar sem rumo estabelecido ou por diversas vezes ao longo do mesmo local ou mesmo o ato de permanecer imóvel em observação aparentam ser atitude suspeita ante os padrões de comportamento e normas sociais não escritas estabelecidas neste bairro específico. Encarei, porém, como uma tendência comum especialmente nos grandes centros urbanos em que uma forma de sociabilidade específica se apresenta, com características próprias como a necessidade do atendimento às conhecidas funções da cidade (eternizadas pela Carta de Atenas) de habitar, trabalhar, divertir-se e circular, com data e horas marcadas e não a esmo.

Notável é que a viatura em questão seguiu sem estabelecer qualquer interferência em minha presença ali dado o fato (depois chegado a meu conhecimento) de que o vigia em questão havia dado um sinal positivo aos policiais de que não havia nada incomum ou que eu não apresentava risco, não estava tentando dano algum ao carro a minha frente. O breve ocorrido facilitou o contato e interação com o vigia, permitindo um desenrolar agradável do diálogo. Questões como a desconfiança com a justiça mostraram-se latentes em sua fala.

Percorri diversas vezes o entorno do parque entrevistando outros dos poucos trabalhadores que ali estavam; as interpretações gerais a respeito destes outros diálogos se encontram na seção seguinte, porém, já posso adiantar que uma sensação quase de indiferença quanto ao parque foi um padrão observado. O olhar, especialmente dos vigias se desviava a suas funções ou no caso de vendedores aos pólos de concentração de pessoas (no caso, a Faculdade de Direito), ou ao fluxo de pessoas, mas não ao parque em si.

As inúmeras voltas que dei ao redor do parque, especialmente nos dias de funcionamento, foram bastante agradáveis ao ouvir as variadas vozes e gritos de euforia de adultos e crianças,

bem como os ruídos de funcionamento dos brinquedos e equipamentos de dentro do parque, contrastando e ecoando no silêncio da rua Aral, em uma das extremidades do mesmo.

Uma proposta de interpretação

A sensação de medo, insegurança e negação ou esquivas ao estranho foram características notáveis durante o processo de entrevistas para desenvolvimento do presente ensaio. Não apenas eu, como pesquisador, sou percebido como outro, ou um corpo estranho no território, mas qualquer um que circule e não more ali é percebido também como estranho (conquistando intrigantes olhares de funcionários da empresa de segurança particular local), especialmente nas ruas que circundam o parque e que possuem menor fluxo. Percebi uma espécie de isolamento ou necessidade excessiva da garantia da segurança no bairro por parte dos moradores.

O vínculo de moradia nos arredores da Cidade da Criança se mostrou, assim, uma chave de entrada de difícil acesso se comparada ao vínculo de trabalho. Os trabalhadores locais, externos ao parque, apresentaram uma visão de normalização e relativa distância, em que não há um vínculo afetivo significativo entre estes sujeitos e o campo em questão; e quando há, toma forma de um passado distante. Os olhos são atentos a outras questões: à segurança, a outras funções empregatícias ali colocadas, ou ao fluxo de pessoas, mas não ao objeto. O lazer se dá de outra forma em outros espaços e são escassos os casos de acompanhar em visitas com filhos ou parentes de menor faixa etária. Dado o fato do público alvo não ser necessariamente o das pessoas que trabalham no entorno, que tendem a estarem mais próximos a meia idade, o parque não se mostra tão atrativo a este público entrevistado. O olhar do cotidiano, da prática do trabalho, do hábito, rotina e reprodução mecânica da vida parece apagar ou ao menos ofuscar elementos da paisagem urbana de modo que a articulação do conjunto dos elementos do espaço, suas harmonias e conflitos não são tão perceptíveis.

A hipótese, portanto, do ponto de vista dos trabalhadores locais não se comprova tendo em vista a natureza das relações de trabalho, no geral, sem tanto apego ou memórias afetivas com o espaço; por outro lado, não foi possível a averiguação com os moradores, que podem, suponho, desenvolver laços de outra natureza.

É de grande relevância, para pesquisas ou propostas similares futuras, a formulação de uma estratégia mais apurada de contato prévio com os moradores para a efetivação das entrevistas. Isto deve se dar de modo a demonstrar uma relação segura e de confiança não se

tornando tão invasiva. O morador quer evitar o risco a sua integridade e a seus bens, assim este vínculo ou contato prévio é preferencial para não se perder estes importantes sujeitos que ajudariam a compor de forma mais complexa a rede de relações com o território em questão.

Referências Bibliográficas

BOGDAN, Robert; BILKLEN, Sari. O Trabalho de Campo. In: BOGDAN, Robert; BILKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de Abril de 2018.

PAIVA, Marcelo Cardoso. **Fabricando a cidade. São Bernardo do Campo e o patrimônio industrial**. IPHAN, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_fabricando_cidade.pdf> Acesso em 30 de abril de 2018.

ZAMBONI, Vanessa. **Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no bairro Bomfim: exercício de etnografia nas ruas de um bairro**. UFRGS, 2007.